

Comemoração dos Fiéis Defuntos

02 de nov. de 2014

Caríssimos irmãos, o rito da morte é um fenômeno universal. Em todas as culturas, mesmo as mais primitivas, o cerimonial gravitava em torno da agonia, do choro, da lamentação, da última despedida.

Os primeiros cristãos deram continuidade a práticas de uso funeral da melhor origem greco-romana: limpeza e aromatização do corpo, exposição do defunto, o que nós chamamos de velório, cortejo fúnebre e solene e por fim, sepultura ou “*depositio*” num período de vinte quatro horas. Por outro lado, rejeitaram outras manifestações culturais vigentes, exclusivamente por causa da fé na ressurreição. A salmodia tomou o lugar de um certo tipo de lamentação e a cremação foi substituída pelo sepultamento. A fé na res-

surreição da carne não os privava de chorar a partida de quem amavam. Jesus havia chorado a morte de Lázaro, seu amigo.

O que era próprio da fé cristã não tardou a se desenvolver num rito sóbrio e fiel à palavra do Senhor: “*Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, mesmo que esteja morto viverá.*” Esta fé moderou, iluminou e orientou o ritual que os pagãos já viviam e que influenciou as primeiras comunidades cristãs.

As orações mais primitivas por ocasião de um funeral não acentuavam a intercessão em favor dos falecidos, mas proclamam a fé na promessa da salvação e na ressurreição. Enchia os corações dos que celebravam o ritual de esperança.

Os primeiros indícios de orações funerárias dos cristãos nós os encontramos já no século segundo: nos textos apó-

crifos dos Atos de João, que é a mais antiga notícia sobre a celebração eucarística, fazendo a memória dos fiéis defuntos. No século terceiro, Tertuliano mencionará o costume de fazer orações individuais pelos defuntos bem como lembrá-los na celebração da eucaristia. Ainda no século terceiro, S. Cipriano de Cartago nos oferece uma notícia de regulamentação sobre a lembrança dos mortos na celebração da eucaristia: as orações litúrgicas serão reservadas apenas para aqueles que estavam em comunhão com a Igreja.

Tão somente no século quarto, vamos encontrar notícias seguras de um costume de celebrar uma ação litúrgica própria para a ocasião de um funeral. Trata-se do “*Orthos*”, isto é, o Ofício de Laudes do Oriente cristão, análogo ao nosso Ofício dos Mortos. Santo Agostinho falará disso, nas Confissões a propósito dos funerais de sua mãe, S. Mônica, em Hóstia, como uso corrente da Igreja de Roma.

É educativo saber quais salmos se usava nos funerais cristãos dos primeiros tempos. O salmo 113 e o salmo 117. Ambos pascais. A saída do Egito, libertação da escravidão foi entendido como libertação desta nossa condição humana para uma terra prometida, *“onde corre o leite e o mel”*. Também o salmo 117, pascal por excelência, era cantado para reforçar neles a fé na Páscoa de Cristo. A páscoa de Cristo será também a nossa, pois, *“como Jesus morreu e ressuscitou, Deus ressuscitará os que nele morrerem. E, como todos morrem em Adão, todos em Cristo terão a vida conforme S. Paulo dizendo aos tessalonicenses e coríntios.*

Queridos irmãos, a comemoração dos fiéis defuntos que celebramos hoje vem ressaltar uma vez mais: **a fé é o elemento de purificação de uma cultura.** A fé no Cristo ressuscitado evangeliza toda e qualquer cultura, isso, desde

o começo. Nossos primeiros pais não criaram do nada rituais para um funeral. A partir do que já existia, foram, à luz do Evangelho, modelando-os, iluminando-os e transformando-os para expressarem a fé que tinham e atualizarem num rito o mistério central de todo o cristianismo: Jesus ressuscitou dos mortos e está à direita a do Pai. Se nele morremos, com ele viveremos.

Contudo, há um elemento universal que a fé ilumina, evangeliza e orienta, mas não extingue: a dor da separação. Mais do que isso, a dor da separação total, enquanto estamos neste corpo e somos peregrinos nesta terra. O que nos faz chorar e sofrer é o **“nunca mais”**.

Ao longo da vida temos infinitas experiências de separação, mas o nunca mais, só com a experiência da morte daqueles que amamos.

E por que esse sentimento tão forte no ser humano? Porque fomos chamados, por natureza, à comunhão. A Santíssima Trindade é plena comunhão; nosso Deus é um Deus em comunhão e de comunhão e nos fez participar dessa sua realidade. A separação é uma realidade que não existe no ser divino, porque Deus é amor, e portanto, comunhão.

Quem não ama nem sequer é capaz de sentir a separação; não chorará por ninguém e não conhece a Deus que é amor.

Para além de todo fenômeno cultural, o chorar por causa do “nunca mais” está perfeitamente adequado à fé cristã. Porém choramos a separação de quem amamos, mas com o coração repleto de esperança de poder um dia encontrá-los e em Deus desfrutar a vida que não conhece o caso.

Que a celebração de nossa eucaristia, que já prefigura a comunhão sem fim para além desta vida terrena, nos conforte e nos alimente na fé do Cristo que venceu a morte e que nos oferece a vida futura, qual Bom Pastor que, se preciso nos aperta junto ao peito, nos põe em seus ombros e nos chama pelo nome.

Assim seja.